



Raimundo Hugo de Castro Araújo

**Lima Barreto:
a experiência real da loucura**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador:

Prof. Dr. Fábio Baqueiro Figueiredo

**Redenção
2015**

Raimundo Hugo de Castro Araújo

**Lima Barreto:
a experiência real da loucura**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovada em 27 de abril de 2015

Banca examinadora:

Prof. Dr. Fábio Baqueiro Figueiredo
Instituto de Humanidades e Letras
UNILAB

Prof.^a Dr.^a Jeannette Filomeno Pouchain Ramos
Instituto de Humanidades e Letras
UNILAB

Prof.^a Dr.^a Ludmylla Mendes Lima
Instituto de Humanidades e Letras
UNILAB

Agradecimentos

À Professora Ludmylla, por conseguir me fazer sonhar com a Literatura. Ao meu Orientador, Professor Fábio (que foi mais que um orientador; foi um grande e paciente conselheiro); aos meus familiares que suportaram o estresse do trabalho; aos outros professores do Instituto de Humanidades e Letras, que me deram muitas dicas; e aos meus jovens colegas de Universidade, que sempre me incentivaram a continuar os estudos.

Como beber dessa bebida amarga
Tragar a dor, engolir a labuta
Mesmo calada a boca, resta o peito
Silêncio na cidade não se escuta
De que me vale ser filho da santa
Melhor seria ser filho da outra
Outra realidade menos morta
Tanta mentira, tanta força bruta

Como é difícil acordar calado
Se na calada da noite eu me dano
Quero lançar um grito desumano
Que é uma maneira de ser escutado
Esse silêncio todo me atordoa
Atordoado eu permaneço atento
Na arquibancada pra a qualquer momento
Ver emergir o monstro da lagoa

De muito gorda a porca já não anda
De muito usada a faca já não corta
Como é difícil, pai, abrir a porta
Essa palavra presa na garganta
Esse pileque homérico no mundo
De que adianta ter boa vontade
Mesmo calado o peito, resta a cuca
Dos bêbados do centro da cidade

Talvez o mundo não seja pequeno
Nem seja a vida um fato consumado
Quero inventar o meu próprio pecado
Quero morrer do meu próprio veneno
Quero perder de vez tua cabeça
Minha cabeça perder teu juízo
Quero cheirar fumaça de óleo diesel
Me embriagar até que alguém me esqueça

Chico Buarque e Gilberto Gil

Resumo

Este trabalho considera a literatura de Lima Barreto (1881-1922), no que se refere a suas experiências com a loucura, como extremamente apta à elaboração de uma análise cujo teor central é o seu caráter de revisitação histórica do fenômeno da loucura no Brasil do início do século XX. Deste modo, pela análise de trechos de seus arquivos íntimos — publicados como *Diário Íntimo* e *Diário de Hospício* — e também por algumas passagens de suas crônicas, pretende-se mostrar que a literatura “militante” de Lima Barreto foi utilizada pelo escritor para fazer uma crítica à sociedade de sua época. Crítica que nasce em um momento difícil na vida do escritor, pois, apesar de desde os dez anos de idade conviver com o fenômeno da loucura, é já no final de sua produção literária que se dedica ao tema no romance inacabado *O Cemitério dos Vivos*. A loucura de Lima Barreto acompanha como uma sombra grande parte da vida do escritor e deixa seus leitores atentos a essa enfermidade que não consegue apagar a lucidez do autor de *Policarpo Quaresma*.

Palavras-chave:

Barreto, Lima, 1881-1922;

Literatura brasileira – Século XX;

Literatura e doença mental – Brasil;

Racismo – Brasil;

Brasil – História – República Velha, 1889-1930.

Abstract

This work considers the writings by Lima Barreto's (1881-1922), concerning his experiences with madness, as an extremely fruitful path to the building of an analysis which dwells upon a historical revision of the issue of madness in Brazil in the beginning of the 20th century. Thus, by analyzing pieces of his intimate journals – published as *Diário Íntimo* (*Intimate Journal*) and *Diário de Hospício* (*Asylum Journal*), as well as some passages of his newspaper short stories, one intends to show that Lima Barreto's "militant" literature was used by him to criticize his own society. This criticism is born in a difficult moment of the writer's life, once, while being acquainted with the issue of madness since his tenth birthday, it's only near the end of his life that he deals with it, in the unfinished novel *O Cemitério dos Vivos* (*Cemetery of the Living*). Lima Barreto's madness accompanies him as a shadow for the most part of his life and keeps his readers aware of this illness that is not capable of blunting the wit of the author of *Policarpo Quaresma*.

Keywords:

Barreto, Lima, 1881-1922;

Brazilian literature – 20th century;

Literature and mental illness – Brazil;

Racism – Brazil;

Brazil – History – 1889-1930.

Sumário

Introdução.....	8
1 A convivência com o racismo.....	14
2 A experiência da loucura.....	30
Conclusões.....	38
Referências bibliográficas.....	45

Introdução

Lima Barreto nasceu no dia 13 de maio de 1881 na cidade do Rio de Janeiro, na época capital do Império brasileiro. Filho do casal de mulatos; João Henriques de Lima Barreto e Amália Augusta. Seu pai, funcionário da Imprensa Oficial; sua mãe, professora primária. Amália Augusta, apesar da pouca saúde teve ainda mais três filhos. Carlindo, Evangelina e Eliezer. O primeiro filho do casal tinha vivido apenas oito dias, ao nascer o segundo filho, João Henriques que era considerado um excelente tipógrafo, e, contava entre suas amizades com um amigo ilustre, o senador da república Afonso Celso (Visconde de Ouro Preto), o qual prestou uma homenagem ao colocar o seu nome no segundo filho; que ficou assim com o pomposo nome de Afonso Henriques de Lima Barreto.

Na sua infância, juntamente com seu pai, assiste aos festejos do 13 de maio de 1888. Relata em uma de suas crônicas (Maio, 1911) que seu pai ao chegar em casa lhe disse: A Abolição vai passar nos dias dos teus anos e juntamente com ele foi esperar a assinatura da Lei Áurea. “O então menino, ficou deslumbrado. Mais tarde, reconstitui todas aquelas impressões que lhe ficaram confusas e desordenadas, numa página de memória, que vale por um precioso testemunho histórico” (BARBOSA, 2012, p. 63). “Fazia sol, e o dia estava claro. Jamais na minha vida, vi tanta alegria. Era geral, era total (...) deram-me uma visão da vida inteiramente festa e harmonia. São boas essas recordações; elas têm um perfume de saudade e fazem com que sintamos a eternidade do tempo” (apud BARBOSA, 2012, p. 63).

O Brasil do final do século XIX foi marcado por imensas transformações sociais, políticas e econômicas. Paralelo às mudanças, nasceu Lima Barreto, como é conhecido na literatura. Produziu romances, contos, crônicas e sátiras. Incompreendido em sua época, o escritor passou, especialmente depois de sua morte em 1922, a ser reinterpretado como um autor que virou pelo avesso a imagem fútil da belle époque no Brasil. Num momento em que o tom geral da literatura era determinado por sonetos arrumadinhos, perfumados, lambidos, Lima Barreto se contrapõe ao modelo estabelecido. O escritor produz literatura que desafia os padrões de linguagem até então utilizadas pela maioria dos literatos de sua época. Para Lima Barreto a escrita devia estar a serviço da sociedade, denunciando irregularidades do governo e discutindo as relações sociais do indivíduo. Mais do que isso, a literatura deveria possibilitar ao homem liberdade de expressão e consciência crítica. Autor movido de espírito

revolucionário acreditava na função libertadora da literatura, por ser esta capaz de tirar o homem da ignorância.

Por intermédio de Afonso Celso (Visconde de Ouro Preto), seu padrinho influente, Lima Barreto conseguiu estudar nas melhores escolas da capital da República. Ao chegar o tempo dos exames vestibulares conseguiu uma vaga na Escola Politécnica. “Curso escolhido pelo então rapaz de 16 anos: Engenharia. Não se ambientou na escola, pois a grande maioria dos alunos, todos brancos e originários da classe rica não aceitavam de bom grado a presença do mulato” (FARACO, 2006, p. 2). Esses problemas influenciaram diretamente os seus estudos, pois ele se refugiava na biblioteca para não conviver com os outros estudantes e acabava reprovado nas matérias. Isso lhe aproximou das leituras sobre filosofia e literatura, o que se transformou em paixão por toda sua vida. “Tentou concluir o curso de engenharia, onde dependia de aprovação em mecânica racional para terminar o ano. Reprovado mais uma vez. Era inútil insistir” (BARBOSA, 2012, p. 115). Enquanto Lima Barreto se esforçava para garantir uma boa formação, o Brasil passava por transformações no cenário político e social.

Os acontecimentos políticos do final do Império alteraram a vida da família Barreto. “A Proclamação da República em 1889 contribuiu para mudar a vida do patriarca da família, pois sendo monarquista, sentiu-se perseguido pelos republicanos e logo se exonerou do cargo que ocupava na Imprensa Nacional” (FARACO, 2006, p. 2). No período inicial da República, João Henriques consegue através de seu compadre, Afonso Celso uma nomeação para administrador de uma colônia de alienados que funcionava na Ilha do Governador.

Lima Barreto foi obrigado a abandonar o curso na Escola Politécnica para assumir a responsabilidade sobre seus irmãos e seu pai, que, no ano de 1902, enlouqueceu de súbito. Assim, Lima Barreto entrou por meio de concurso no Ministério da Guerra e passou a exercer o cargo de escriturário no ano de 1903. Além de render-lhe o sustento da família ainda lhe deu a oportunidade de ter contato direto com a imprensa escrita. No trabalho consegue amizades e tempo para escrever nos jornais e revistas, e, logo a crítica e o humor se tornam sua marca registrada. Publicou pouco mais de seiscentas crônicas durante o período em que teve relações diretas com a imprensa. Além da contribuição jornalística, foi autor de outras obras. Entre as principais estão: *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, *Numa e a Ninfa*, *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, *Histórias e Sonhos*, *Bagatela*, *Contos Argelinos*, *Feiras e Mafuás*, *Vida Urbana*, *Diário Íntimo*; póstumas: *Clara dos Anjos*, *O Cemitério dos Vivos*, *Impressões de Leitura* e *Correspondência Ativa e Passiva*. Como escritor e cronista que vivenciou uma fase conturbada da nossa história (Abolição,

Primeira República, Primeira Guerra Mundial), soube analisar como poucos os acontecimentos históricos do início do século XX. “Por ser admirador e se inspirar em autores como Gautier, Dostoievski, Tolstói, Cervantes; Lima Barreto se aproxima de uma literatura militante e socialista. Literatura que o torna simpatizante das teorias marxistas” (FERREIRA, 2011, p. 1).

Jane Mary Cunha Bezerra defende que a escrita Lima Barreto situou-se num contexto de efervescência política e ideológica. Influenciado pelos autores do formalismo russo, como Dostoievski e Tolstói, escrevia principalmente em suas crônicas ideias libertadoras. “Sua militância e simpatia maximalista aparecem sobretudo no que escreve para os jornais libertários como *A Lanterna*, *O Suburbano* e *A Voz do trabalhador*” (BEZERRA, 2010, p. 3). Este último órgão citado era ligado à Confederação Operária Brasileira.

Neste trabalho, para melhor identificação do leitor utilizarei as abreviaturas CV para designar como fonte O Cemitério dos Vivos e DI para identificar o seu *Diário Íntimo*.

Quando Lima Barreto faleceu em primeiro de novembro de 1922, seus bens pessoais — que se resumiam a uma biblioteca e muitos manuscritos — ficaram sob a guarda de sua irmã Evangelina, a única da família que compartilhava com o irmão do interesse pela cultura. Numa mudança do Bairro de Todos os Santos para Inhaúma, os papéis saíram de ordem e quem sabe alguma coisa tenha se perdido. Encontrados mais de vinte anos depois, por Francisco de Assis Barbosa, futuro biógrafo do escritor e organizador de sua obra completa. Toda a papelada foi comprada pela Biblioteca Nacional em 1949 e encontra-se hoje na divisão de manuscritos. Essa foi a origem do *Diário Íntimo* (1903-1921). Aqui Lima Barreto se mostra por inteiro, nos seus ressentimentos e idiossincrasias, na sua reconhecida preocupação social, na preocupação com a situação precária do negro na primeira República do Brasil.

Sua produção literária, em 41 anos de vida, deixaram uma obra com 17 volumes: livros de memória, artigos de jornal que radiografaram clinicamente e criticamente seu tempo, um romance não concluído e uma vasta e importante correspondência, e o principal: pelo menos três dos seus cinco romances são fundamentais em nossa literatura.

Importante estabelecer uma conexão entre os arquivos íntimos do escritor Lima Barreto e o contexto histórico da época. No Brasil e no mundo vivenciavam-se grandes transformações. Mudanças orientadas por teorias do tipo: evolucionista, positivista,

darwinista, enfim, várias proposições que tentavam a seu modo justificar e explicar a superioridade de determinada raça sobre as demais. Nesse período de mudança de Império para República (toda modificação causa desconfiança) o povo discordou de atitudes do novo governo republicano. “Quando da reação popular contra ações aparentemente benéficas do governo – como a luta contra a vacina obrigatória, que foi sem dúvida um caso notório de descontentamento com o novo regime de governo republicano” (CHALHOUB, 1988, p. 85). Lima Barreto descreve este episódio da revolta na sua ótica de jornalista:

O governo diz que os oposicionistas à vacina, com armas na mão, são vagabundos, gatunos, assassinos, entretanto ele se esquece que o fundo de seus batalhões, dos seus secretas e inspetores, que mantém a opinião dele, é da mesma gente. Essa mazorca teve grandes vantagens: 1) Demonstrar que o Rio de Janeiro pode ter opinião e defendê-la com armas na mão; 2) Diminuir um pouco o fetichismo da farda. 3) Desmoralizar a escola militar. Pela primeira vez vi entre nós não se ter medo de homem fardado. O povo, como os astecas ao tempo de Cortez, se convenceu de que eles também eram mortais. (D.I., p. 22-23).

O poder define a própria existência dos indivíduos dentro da nova ordem republicana. Nesse contexto histórico brasileiro, marcado por muitas transformações, Lima Barreto coloca-se como crítico ferrenho da primeira República, Sempre combateu o regime republicano, mas sem se declarar monarquista. Pode-se subtender alguma simpatia pelo antigo regime, por parte do escritor.

Ao escrever o *Diário Íntimo*, Lima Barreto encontra um lugar em que seu arquivo pessoal passa a ser também um banco de anotações e fatos que em determinado momento poderiam ser utilizados pelo autor. No início faz a sua apresentação: “Eu sou Afonso Henriques de Lima Barreto. Fui aluno da Escola Politécnica. No futuro escreverei a História da Escravidão negra no Brasil, e sua influência na nossa nacionalidade” (DI, p. 10).

Compreender o caminho escolhido por Lima Barreto, de contestar, criticar todas as injustiças sofridas por classes sociais menos favorecidas o torna um escritor maldito de sua época. Quando em seu diário descreve a tristeza, a melancolia, o ceptismo, e faz referências à sua casa e a doença de seu pai, define todas as suas apreensões na vida. Mostram um escritor frágil, ciente de suas dificuldades para enfrentar os obstáculos que um negro intelectual tem para conseguir seu espaço num mundo povoado de teorias racistas. Assim faz um pequeno desabafo:

Se essas notas forem algum dia lidas, o que eu não espero, há de ser difícil explicar esse sentimento doloroso que eu tenho de minha casa, desse desacordo profundo entre mim e ela; (...) a minha melancolia, o ceptismo que me corrói, (...) nasceu na minha adolescência feita nesse sentimento da minha vergonha doméstica, que também deu nascimento a minha única grande falta. (...) Aqui bem alto declaro que, se a morte me surpreender, não permitindo que as inutilize, peço a quem se servir delas que se sirva com o máximo cuidado e discrição, porque mesmo no túmulo eu poderia ter vergonha (CV, p. 46).

Lima Barreto escrevia de maneira desordenada e quase compulsiva. Planejava várias obras ao mesmo tempo, e, muitas vezes não concluía nenhuma. Além de seu salário como escriturário no Ministério da Guerra, lhe ajudavam bastante o que recebia por publicações em jornais da época. Chegou a fundar com alguns amigos uma revista (Floreau) que teve somente duas edições e que pretendia abrir espaço para novos escritores engajados com o jornalismo e a literatura militante.

Com uma formação acima dos padrões de sua época, o mulato Lima Barreto consegue se destacar como cronista e escritor, não perdendo de vista sua visão crítica da sociedade em que vivia. Ora, tendo contato com as primeiras letras através de sua mãe que era professora primária; o exemplo do pai, um respeitável tipógrafo e estudado nos melhores colégios de seu tempo, consolidou uma excelente formação intelectual. Muitos de seus textos retratam de forma direta a capital da República brasileira do início do século XX. Também de forma indireta, se utilizando da sátira soube escrever de maneira elegante e sutil muito do que não poderia ser escrito naqueles tempos de regime militar. Período de mudança da Monarquia para a República dos militares, que, por vezes usavam de força para se consolidar no poder. Lima Barreto enfrentou muitas vezes de maneira sutil, outras vezes de maneira direta um sistema que em sua opinião era injusto. Injusto porque mantinha privilégios de uma classe dominante. Injusta porque perpetuava no poder famílias nobres que fatiavam as riquezas do país, concentrando todo poder nas mãos de uma oligarquia, de um grupo sempre ligado ao poder. Pagou muito caro por ter uma opinião que divergia do pensamento dos poderosos de seu tempo. Todo o conjunto de sua obra só teve um verdadeiro reconhecimento décadas depois de sua morte. Mas, nunca abriu mão de sua independência de pensamento e do seu raciocínio lógico ao se deparar com situações por vezes polêmicas. Em seus artigos de jornais falou praticamente sobre tudo. Escreveu sobre o seu país, sobre a reforma urbana do Rio de Janeiro, sobre a 1ª Guerra Mundial e demais assuntos que foram notícia em sua época.

Como sua vasta produção literária é muito complexa, este trabalho vai se limitar a descrever a experiência de Lima Barreto com a loucura. Em primeiro lugar foi um fenômeno que acompanhou o escritor desde os dez anos de idade, quando sempre de volta da escola para casa, encontrava seu pai, que residia na Ilha do Governador e exercia a função de administrador de uma colônia de alienados. Logo depois seu pai surtou, e, Lima Barreto começou a ter a convivência com a loucura de seu pai dentro de sua casa. Com sua vida totalmente modificada pelos acontecimentos familiares, o escritor começa a ter contato com a boêmia do Rio de Janeiro, e daí foi um passo para se tornar um alcoólatra. De alcoólatra, teve seus momentos de delírio, nos quais foi internado algumas vezes para tratamento. Registra em seus arquivos íntimos os momentos de suas internações no Hospital de Alienados, que servem de documento histórico e na tentativa de escrever um romance, que não teve tempo de concluir.

Como construir um texto baseado na literatura do início do século XX e associá-lo com a área das Ciências Humanas (Antropologia, História e Sociologia)? Utilizando os registros do escritor Lima Barreto e seus diários, que contêm anotações significativas sobre os momentos que transformaram o Brasil de final de Império, com o outro país que nascia nos acontecimentos que proclamaram a primeira República. Demonstrar que o escritor, apesar de tachado como louco, vivenciando na própria pele os estigmas da loucura, conseguiu fazer uma análise da situação das classes desfavorecidas do projeto de nação que as elites discutiam do que seria o brasileiro ideal. Ao mesmo tempo detalhar o uso de uma literatura no limite de um escritor “militante”, ou de como defendeu Luciana Hidalgo (2008) do uso da “literatura de urgência” para resistir ao redemoinho de acontecimentos que o impulsionavam para o olho do vendaval.

1 A convivência com o racismo

“Acordei-me da enxerga que durmo e difícil foi recordar-me que há três dias não comia carne. Li jornais e fui para a sala dar aulas, cujo pagamento tem sido para mim apenas uma hipótese” (DI, p. 11). Lima Barreto se entrega a sua paixão maior, a literatura. Mas, quem se entrega a paixões enfrenta obstáculos e não tardou para que o escritor visse todas as pedras do seu caminho. Para um escritor negro, intelectual de sua época não foi fácil vencer os obstáculos. Além de ter que enfrentar os preconceitos de uma sociedade racista, o escritor demonstra por várias vezes o desacordo que existe entre o intelectual negro e o tipo de vida que levava. Um contraste de baixa estima que não consegue superar.

“Dolorosa vida a minha! Empreguei-me há seis meses e vou exercendo minhas funções. Minha casa é aquela dolorosa geena pra min’alma. Meu pai, leva a vida imersa na sua insânia. Meu irmão C... furta livros e pequenos objetos para vender. Oh! Meu Deus! Que fatal inclinação desse menino” (DI, p. 16).

Tem-se no início do primeiro capítulo do seu *Diário Íntimo*, um escritor ainda esperançoso, pois apesar das dificuldades de ser mulato pobre e arrimo de família é ainda bastante jovem para enfrentar os desafios da vida. “Sua longa e intensa relação com os jornais e revistas cariocas começa cedo, quando ainda é um estudante de engenharia, a vida lhe sorri e muitas são as esperanças no futuro” (RESENDE, 2004, p. 9).

Importante para qualquer escritor do início do século vinte, ter uma aproximação com a imprensa escrita. Favorecia bastante esse relacionamento, pois o Brasil ainda não contava com grande número de editores de livros. Os poucos que existiam somente davam espaço a escritores consagrados. Os jornais se transformavam então em banco de dados e informações para um eventual livro de contos ou até mesmo romances. Através de publicações de tiras de jornais os autores iam construindo sua trama, ou organizando uma historinha muito semelhante às novelas de hoje para finalmente poder conceber suas obras.

Mas, voltando para Lima Barreto, lhe resta uma pesada herança. Cuidar de sua família, e assumir a solução de todos os problemas de sua casa.

Novembro de 1904 – hoje (6 de novembro de 1904) fui a Ilha pagar dívidas de papai (490); paguei-as uma a uma; entretanto na volta estava triste; na Estação de São

Francisco (vim pela Penha), ao embarcar me invadiu tão grande melancolia que resolvi descer à cidade. Que seria? Foi o vinho? Sim, porque tenho observado que o vinho em pequenas doses causa-me melancolia; mas não era o sentimento; era outro, um vazio n'alma, um travo amargo na boca, um escárnio interior. Que seria? Entretanto, eu o quero atribuir ao seguinte: Na estação, passeava como me desafiando o C.J. (puto, ladrão e burro). Ele dizia com certeza: Vê "seu" negro, você pode me vencer nos concursos, mas nas mulheres, não. Poderás arranjar uma, mesmo branca como a minha, mas não desse talhe aristocrático. Suportei o desafio e mirei-lhe a mulher de alto a baixo e, dentro de algum tempo espero encontrar-me com ela em alguma casa de alugar cômodos por hora (DI, p. 21).

Por diversas vezes em sua vida Lima Barreto se depara com o preconceito. Na escola, no trabalho e até nas relações com sua sociedade. Até parecia que nessa sociedade não havia um lugar para os mestiços. Com o aumento das dificuldades só restava ao escritor procurar uma válvula de escape. No caso a Parati (Cachaça da época). "A desgraça doméstica, o complexo de cor, o tédio da repartição, a falta de dinheiro, a mediocridade da vida literária, tudo era esquecido quando o escritor enveredava pela boemia" (BARBOSA, 2012, p. 203). Foi à bebida alcoólica, segundo dizia o próprio Lima, o que o fez enveredar pela boemia. Outros dissabores, de forma racista e direta faziam o escritor se sentir ofendido e humilhado em suas pretensões de ser um grande literato. "O racismo é um sistema que afirma a superioridade de um grupo racial sobre outros... (...) (de passagem, lembremos que "macaco" é um dos xingamentos preferidos de brancos contra negros)", (SANTOS, 1980, p. 11, 53).

Hoje, à noite, recebi um cartão-postal, há nele um macaco com uma alusão a mim e, embaixo, com falta de sintaxe, há o seguinte: "Néscios e burlescos serão aqueles que procuram acercar-se de prerrogativas que não tem. M." O curioso é que o cartão em si mesmo, não me aborrece; o que me aborrece é lobrigar-se, de qualquer maneira, o imbecil que tal escreveu tem razão. Prerrogativas que não tenho... Desgosto! Desgosto que me fará grande (DI, p. 55).

"Perdi a esperança de curar meu pai! Coitado, não lhe afrouxa a mania que, cada vez mais, é uma só, não varia: Vai ser preso; a polícia vai matá-lo; se ele sair à rua, trucidam-no. Coitado, o seu delírio cristalizou-se, tomou forma" (DI, p. 53). É o próprio Lima Barreto quem se refere a loucura do pai: "Certeira como um raio, a desgraça escolheu João Henriques numa noite do ano de 1902. O seu infeliz pai deitou-se sadio e acordou em delírio" (FARACO, p. 4). Essa situação de insegurança, e provavelmente a imaturidade de Lima Barreto para enfrentar situações complicadas, forjaram marcas em sua personalidade. O

sentimento de medo, de insegurança, o acompanharam até o alcoolismo, que se agravou com o passar dos anos até se transformar em delírio. Por esse motivo sofreu várias internações em clínicas de tratamento mental. Como um grande desabafo, Lima Barreto se expõe como escritor mal sucedido socialmente .

Tenho orgulho de me ter esforçado muito para realizar o meu ideal; mas me aborrece não ter sabido concomitantemente arranjar dinheiro ou posições rendosas que me fizessem respeitar. Sonhei Spinosa, mas não tive força para realizar a vida dele; sonhei Doitóiévski, mas me faltou a sua névoa. Aborrece-me este hospício; eu sou bem tratado; mas me falta ar, luz, liberdade. Não tenho meus livros à mão; entretanto, minha casa, sua tristeza... Oh! Meu Deus! Tanto faz, lá ou aqui... sairei desta catacumba, mas irei para a sala mortuária que é minha casa (C.V. p. 27).

Em diversas passagens de seus diários, Lima Barreto se refere ao desânimo, ao contraste dele com sua casa. Uma situação de desgraça permanente que o faz sentir-se deslocado em seu próprio ambiente. Assim o uso da bebida alcoólica, como válvula de escape, tem como efeito colateral os delírios e acabam levando o escritor a constantes internamentos.

Era véspera de natal em 1919 quando Afonso Henriques de Lima Barreto adentrava aos portões do Hospital Nacional de Alienados (HNA) do Rio de Janeiro, conduzido por policiais. Passara a noite anterior errando pelos subúrbios da cidade em estado de embriaguez alcoólica. O motivo que o levava ao hospital era o mesmo das outras internações: Episódios de loucura devido ao excesso no consumo de álcool. Alcoolismo aliado à sua condição de afrodescendente, que caracterizava para o pensamento da época tratar-se de um indivíduo de alta periculosidade, que tanto ponha em risco a vida dos outros como sua própria vida. Na terminologia médica tratava-se de alcoolismo, diagnóstico que legitimava seu internamento. Seria essa uma experiência anônima, ou ainda com um vago registro, não fosse à iniciativa de Lima Barreto em torná-la memória escrita e inspiração para um romance que não chegou a concluir: *O Cemitério dos Vivos*. Seria ainda anônima, se não fosse o interno literato, cronista e boêmio que viveu a efervescência urbana do Rio de Janeiro no início do século XX. Assim o relato de Lima Barreto sobre sua dependência do alcoolismo:

A minha bebedeira e a minha loucura. Ao pegar agora no lápis para explicar bem estas notas que vou escrevendo no hospital, cercado de delirantes cujos delírios mal compreendo, nessa incoerência verbal de manicômio, em que um diz isto, outro diz aquilo e que sem sentido vão cada um para seu lado. Logo que adoeceu meu pai, o livro de Maudsley, o crime e a loucura, foi

uma obra que muito me impressionou; entre os seus artigos havia o mandamento de não beber alcoólicos, coisa aconselhada pelo autor, para evitar a loucura. Muitas coisas influíram para que viesse a beber, mas, de todas elas, foi um sentimento ou pressentimento, um medo sem razão nem explicação, de uma catástrofe doméstica sempre presente. Adivinhava a morte de meu pai e eu sem dinheiro para enterrá-lo; previa moléstias caras e eu sem recursos; amedrontava-me com uma demissão; e eu sem fortes conhecimentos que me arranjassem colocação condigna com a minha instrução. E eu me aborrecia e procurava me distrair, ficar na cidade, avançar pela noite adentro: E assim conheci o Chopp, o whisky, as noitadas, amanhecendo na casa deste ou daquele (CV, p. 8).

“O *Cemitério dos Vivos* é produzido no interior da crise, nascem de uma compulsão de Lima Barreto pela escrita (...) posto que levava vida e literatura como um projeto único, uma luta de vida e morte” (SILVA FELIPE, 2008, p. 126). As anotações feitas pelo escritor num momento de crise são úteis na criação do romance inacabado. Como não houve condições de Lima Barreto desenvolver o seu romance nesse ambiente por demais hostil, fez uma espécie de anotações e rascunhos que foram aproveitadas na ideia da construção de um livro denúncia. Seus escritos se tornaram registros históricos de um momento muito conturbado da nossa história. Momento em que se discutia quem era o brasileiro. Ou melhor, o que as elites pensantes do país idealizavam do tipo ideal de homem brasileiro. Elites que discutiam teorias de eugenia, apoiadas em estudos que comprovavam a degenerescência da raça negra. Segundo Schwarcz, o darwinismo social e o positivismo foi muito discutido nesta época. “O apego aos modelos raciais torna-se ainda mais evidente, (...) estes modelos permitirão a utilização direta de várias teorias darwinistas na sociedade” (SCHWARCZ, 1993, p. 274).

O perigo da miscigenação como sinal de construção de uma sociedade alienada e doente. Teorias advindas da Europa, que não só depreciavam a raça negra como afirmavam a superioridade da raça branca. Estudavam o negro a priori e os brancos a posteriori. Lima Barreto enfrentou todas essas teorias de cunho racistas, que de forma geral eram produzidas na Europa, mas no Brasil contava alguns defensores.

Nos primeiros anos da velha República, ainda se procurava um lugar na sociedade para os mestiços e negros (de preferência um lugar distante do poder). “E começamos assim a penetrar nas oposições que produzem a cidade real, nas batalhas contínuas entre a cidade codificada e desejada pelos brancos e a cidade instituída pelos negros” (CHALHOUB, 1988, p. 91). Num país que não fez praticamente outra coisa, há não ser o tráfico de milhões de escravos durante séculos, parecia um problema difícil de resolver sobre o que fazer com

enorme contingente de negros e mestiços. Os governantes incrementavam políticas de imigração de povos brancos, procuravam diminuir o grande crescimento das populações mestiças através da eugenia. Entretanto, este era um projeto não só do Brasil, mas, praticamente de toda à América, que projetava no ideário das classes dominantes quem deveria ser o cidadão do futuro. No fundo, parecia ser uma reserva de espaço no poder para os brancos e seus descendentes. Em crônica, Lima Barreto descreve o movimento de reurbanização do centro da capital brasileira:

Porque o Senhor Rio Branco, o primeiro brasileiro, como aí dizem, cismou que havia de fazer do Brasil grande potência, que havia de torná-lo conhecido na Europa (...) de dotar a sua capital de avenidas, de grandes edifícios, elegâncias bem idiotamente binoculares, e toca a gastar dinheiro, fazer empréstimos; (...) é assim o governo: Seduz, corrompe e depois... Uma semi cadeia. A obsessão de Buenos Aires sempre nos perturbou o julgamento das coisas. A grande cidade do Prata tem um milhão de habitantes; a capital argentina tem longas ruas retas; a capital argentina não tem pretos.(...) Então meus senhores, o Rio de Janeiro, num país de três ou quatro grandes cidades, precisa ter um milhão; o Rio de Janeiro, capital de um país que recebeu durante quase três séculos milhões de pretos, não deve ter pretos (A Volta, 1915, p. 1).

“Este caderno esteve prudentemente escondido trinta dias. Não fui ameaçado, mas temo sobremodo os governos do Brasil” (DI, p. 24). Muitos comentários que Lima Barreto não podia expressar foram devidamente catalogados em seu *Diário Íntimo*. O escritor critica a violência utilizada contra os inocentes e vagabundos que eram recolhidos e mandados para o Acre ou para prisões e hospícios.

Para entender melhor os acontecimentos que passaram para a história com o nome de “Revolta da Vacina”, é necessário recuar um pouco no tempo e ver como andava a situação na cidade do Rio de Janeiro, na virada do século dezenove para o vinte. A maioria dos habitantes tinha motivos de sobra para reclamar da vida em geral e dos governos em particular. Faltava tudo, desde empregos até saneamento básico e moradias. Grande parte da população vivia de bicos ou de subempregos, quando não totalmente desempregadas. Capital da República, o Rio de Janeiro era a cidade que todos procuravam para viver: Escravos libertos, imigrantes europeus, desertores, excedentes das forças armadas e migrantes de fazendas de café que não iam bem de situação financeira. Essa população que praticamente duplicara em poucos anos era uma pedra no sapato do presidente Rodrigues Alves e seu projeto de modernização do Brasil. Com a nomeação do Senhor Pereira Passos para a prefeitura, o projeto de reurbanização do centro da cidade começa a ser implantado. Esse

projeto previa a retirada de todo esse contingente e excedente de pessoas que as autoridades chamavam de ralé, malandros ou desocupados, mas que também podem ser considerados pobres, ou, simplesmente seres humanos que viviam em condições miseráveis. As autoridades consideravam os cortiços antro de doenças e de marginalidade. “Os escravos e libertos do Rio haviam instituído uma cidade própria, possuidora de suas próprias racionalidades e movimentos que destruíram a instituição da escravidão, sem necessitar de uma República de caráter disciplinador” (CHALHOUB, 1988, p. 87)

Quando Rodrigues Alves assumiu a presidência da República em 1902, prometeu trazer o Brasil para um novo tempo. Viu naqueles cortiços um grande obstáculo ao processo de urbanização. A ideia era construir novas avenidas, praças, ruas e ao mesmo tempo afastar do centro da cidade a presença indesejável da população pobre que habitava o lugar. Com a nomeação de Pereira Passos foi iniciada uma reforma que ficou conhecida como “bota abaixo”. Em cerca de dois meses de obras, milhares de pessoas foram despejadas e obrigadas a ocupar morros distantes do centro, onde construíram barracos e casas improvisadas. Sem emprego, sem moradia, com dificuldades de locomoção; estava preparado o cenário de rebelião do povo. Só faltava a gota d’água. Ela veio então em forma de decreto presidencial que obrigava a todos tomar a vacina contra a varíola. Não foi difícil entender porque o povo ficou contra a vacina. Pela lei, os agentes de saúde, escoltados pela força policial, tinham o direito de invadir as casas das pessoas, levantar os braços ou pernas para verificar se não havia contaminação da doença. Ora, um governo que expulsava, humilhava e deixava os pobres abandonados à própria sorte, despertou a desconfiança da população que se revoltou e foi às ruas armada de paus, pedras e estiletos contra o Estado. Nos últimos dias de novembro de 1904 o clima ficou tenso e houve destruições e depredações por toda cidade do Rio de Janeiro. “E os republicanos tiveram medo da cidade negra. Um medo profundo, enraizado na percepção da racionalidade e da recorrência dos movimentos de revolta dos negros e escravos livres” (CHALHOUB, 1988, p. 104).

“Relatos oficiais apontam que para o Acre foram deportados 461 pessoas (...) condenados á uma espécie de limbo da história e da memória: Não eram formalmente criminosos, mas não tiveram seus direitos reconhecidos” (SILVA, 2006, p. 3).

Nas ruas a batalha só terminaria com a ocupação do exército do espaço dos revoltados. Centenas de pessoas foram presas; muitas delas foram deportadas para locais distantes como o Acre e Fernando de Noronha. Lima Barreto faz a narração do estado de sítio:

Eis a narrativa do que se fez no sítio de 1904. A polícia arrepanhava a torto e a direito pessoas que encontrava na rua. Recolhia essas pessoas às delegacias, depois juntavam na Polícia Central. Aí, violentamente, humilhanamente, arrebentavam-lhes os cós das calças e as empurravam num grande pátio. Juntadas que fossem algumas dezenas, eram remetidas à Ilha das Cobras, onde eram surradas desapiedadamente. Eis o que foi o terror do Alves (DI, p. 23-24).

“Trinta dias depois o sítio é a mesma coisa. Toda violência do governo se demonstra na Ilha das Cobras. Inocentes vagabundos são aí recolhidos, surrados e mandados para o Acre” (DI, p. 24). A vacinação obrigatória foi suspensa. O governo manteve a exigência do atestado de vacinação para casamentos, certidões, contratos de trabalho, matrículas em escolas públicas, viagens interestaduais e hospedagem em hotéis.

Com todas as reformas em andamento e tendo como fundamento o tratamento de um país doente, não foi difícil confundir medidas sanitárias com medidas fortes contra a população pobre e mestiça que morava no Rio de Janeiro. Medidas que projetavam um país saudável e saneado, mesmo que para isso, grande parcela da sociedade (pretos e pobres) que não estava dentro dos padrões da nova estética fossem excluídos desse novo projeto de Brasil.

Então pouco restava a enorme população de mestiços e negros, que enquanto foram necessários como mão de obra barata foram explorados; agora que não eram mais imprescindíveis, ficaram ao próprio abandono. Abandono que gerava sofrimento e que por vezes os levavam para o caminho do alcoolismo. Um caminho fácil de trilhar, pois, a nossa primeira atividade econômica (como é de conhecimento de todos), foi com a cana de açúcar, de onde se deriva a cachaça. Discutir a degenerescência, o alcoolismo, a raça, foi durante algum tempo pauta dos nossos maiores intelectuais. Aqui não se tratando de julgar a história, mas sim de ver o quanto foi cômodo para a elite da época as teorias vindas de fora do Brasil, e, aqui adaptadas à nossa realidade para convencimento da inferioridade das raças. Teorias que são discutidas até os dias de hoje, pois é só observar como tanto o negro imigrante, quanto o negro natural de países como os Estados Unidos e Europa são tratados. Há pouco tempo um policial branco assassinou um jovem negro desarmado e sequer os tribunais americanos acharam legal levar o assassino a júri popular. Mais voltando para o final do século XIX, observa-se o debate em torno da questão racial.

“O tema racial é ainda relevante, pois integra o arsenal teórico de ambas as escolas. Na Bahia é a raça, ou melhor, o cruzamento racial que explica a criminalidade (...) Já

para os médicos cariocas o simples convívio das raças é obstáculo à perfectibilidade biológica” (SCHWARCZ, 1993, p. 249-250).

“Na falta de dados mais consistentes que justifiquem a superioridade da raça branca, utiliza-se, de modo contundente o Darwinismo Social como argumento que legitima a inferioridade de negros e mestiços” (SCHWARCZ, 1993, p. 274). Na Bahia, o problema, ou a doença é o próprio mestiço. Então a solução seria a eliminação do problema. No Rio de Janeiro discute-se a separação das raças e um tipo de limpeza étnica, que abandona os afrodescendentes, não lhes dando a menor condição e forçando o seu desaparecimento progressivo. Todos os planejamentos, incluindo a imigração em grande quantidade de colonos europeus (todos brancos) para uma melhor depuração da raça.

A discussão de quem seria o brasileiro do futuro passa então por debates entre a medicina e o direito. O poder sempre atento ao problema da miscigenação resolve trazer o colono europeu, com o objetivo de começar um branqueamento na sociedade. Mas, e o que fazer com os milhões de negros e mulatos? Como a grande maioria dos negros libertos estavam ao Deus dará, não foi difícil afastá-los dos grandes centros. Com as reformas nos centros das grandes cidades, os negros e mestiços começaram a morar em periferias e subúrbios. Depois como ficassem à margem do processo civilizatório, os que enveredavam para a bebida ou marginalidade eram colocados em manicômios e prisões. “Os exemplos de embriaguez, alienação, epilepsia, violência ou amoralidade passavam a comprovar os modelos darwinistas sociais em sua condenação, em seu alerta à imperfeição da hereditariedade mista” (SCHWARCZ, 1993, p. 277).

Tem-se então uma sociedade onde não há um lugar claro para o mestiço. Valoriza-se o negro puro do Sudão, o indígena e o branco. Dessa forma, em uma sociedade que passa pelo desejo de branqueamento, o mestiço começa a ser visto como produto de uma degeneração. Tudo isso embasado por teorias científicas da época e por discursos na área do direito que davam legitimidade a exclusão social dos mestiços no Brasil. No artigo *As Ideias Eugênicas do Brasil*, Vanderlei Souza nos dá uma pista do projeto das elites sobre o movimento de eugenia.

Os principais trabalhos sobre eugenia, no Brasil, foram publicados especialmente nas décadas de 1910 e 1920, estimuladas pelo contexto de expansão do racismo científico, do debate sobre imigração, da emergência dos estudos sobre ‘cruzamentos raciais’ e da implantação das leis de esterilização eugênica. Via de regra, esse contexto possibilitou a formulação

de um modelo de eugenia fortemente baseado no racismo científico, cujas concepções apontavam a miscigenação racial como o grande responsável pela suposta degeneração biológica e social que estaria em curso na América. (...) A título de informação foram os Estados Unidos pioneiros na implantação de medidas eugênicas. As primeiras leis de esterilização surgiram nos Estados Unidos em 1907, muitos anos antes da eugenia nazista entrar em vigor na Alemanha, em 1933 (SOUZA, 2012, p. 2).

Lima Barreto se encontrava no olho do furacão. Em plena implementação de teorias racistas o escritor lutava para ter seu talento reconhecido. Deve se considerar o grande mosaico de representações que surge da pena do escritor, sem perder de vista os riscos do determinismo biográfico, afastando-se da visão de mundo positivista baseado no racionalismo cartesiano, que naquele período manifestava-se com força de determinismo científico. Assim, o escritor comenta algumas teorias de estudo das raças no Brasil de início do século XX.

Vai se estendendo pelo mundo, a noção de que há umas certas raças superiores e umas outras inferiores, e que essa inferioridade, longe de ser transitória, é eterna e intrínseca à própria estrutura da raça. Diz-se ainda mais: Que as misturas entre essas raças são um vício social, uma praga e não sei que coisa feia mais. Tudo isto se diz em nome da ciência e a cobertura da autoridade de sábios europeus (DI, p. 75).

Não seria preciso fazer uma análise mais aprofundada para descobrir os motivos do alcoolismo e os surtos da loucura de Lima Barreto. As dificuldades de ser um intelectual negro em um mundo dominado por teorias racistas deixam no ostracismo o talento do escritor. Mas não conseguiram calar sua pena. Lima Barreto escreveu e muito sobre o seu tempo, e, denunciou todas as injustiças sofridas por ele e o povo negro e pobre dos subúrbios do Rio de Janeiro. Muito de seus romances e crônicas denunciam o abandono de imensas populações pobres, em sua maioria de negros e mestiços que se acotovelam nos trens de subúrbio e sobrevivem numa vida de misérias e sacrifícios. Abandono que tem um viés perverso, pois como negros e mestiços entregues à própria sorte, acabam por diversas vezes com problemas psiquiátricos, e como ocorreu com Lima Barreto permanecem em estado de alcoolismo permanente o que traz diversas complicações mentais. Por tais complicações, o escritor sofre internamentos constantes.

Assim descreve os seus primeiros dias no hospício: “Estou no Hospício, ou melhor, em várias dependências dele, desde o dia 25 do mês passado. Estive no pavilhão de observações, que é a pior etapa de quem como eu entra aqui pelas mãos da polícia”(CV, p. 1). “Não me incomodo muito com o hospício, o que me aborrece é essa intromissão da polícia na

minha vida. De mim para mim, tenho certeza que não sou louco, mas devido ao álcool, misturado com outras apreensões, de quando em quando dou sinais de loucura: Deliro” (CV, p. 1).

Essa intromissão policial pode ser compreendida como uma prática de controle social junto à população suburbana da cidade, sobretudo, aqueles considerados loucos e alcoólatras. Nesse sentido, tanto a cadeia como o asilo, compartilhavam da mesma função normativa e disciplinar junto aqueles que viviam como excedentes ociosos no espaço urbano. (Aqui abro um pequeno parêntese para relatar que até antes do período de redemocratização do Brasil, qualquer cidadão que não portasse documentos que comprovassem sua idoneidade, era imediatamente preso por crime de vadiagem. Então, a simples presença de algum pobre coitado vagando pelas ruas era motivo de prisão). Mas, para Lima Barreto essa intromissão da polícia, significava também a presença do Estado, interferindo, disciplinando, coagindo pessoas que como ele eram simplesmente bebedores de parati, que de maneira alguma ofereciam perigo ao poder. Tem-se então a interferência do Estado, na vida simples de um morador de subúrbio que exagerou na dose de álcool. Direciona-se intencionalmente o isolamento dos alcoólatras em locais fechados para serem tratados e supervisionados pela medicina da época, que receitava o internamento compulsório para os inúteis e bêbados dos subúrbios. Internamento de inúteis, obedientes a uma diretriz econômica que necessitava de mão de obra para as primeiras indústrias. Não se pode esquecer que a maioria das medidas tomadas contra os alcoólatras, loucos e negros pobres, objetivava uma limpeza social para afastar pessoas improdutivas num sistema capitalista de produção. Os indesejáveis não produziam e muito menos consumiam produtos. Logicamente eram descartáveis. Finalmente, é importante destacar que, ao apresentar os aspectos da profissão do médico psiquiatra, Goffman nos faz refletir sobre a “ideologia institucional que a sociedade precisa defender como ótica da utilização do ser humano como mão de obra, o que deixa de fora os loucos e anormais da sociedade produtiva” (GOFFMAN, 1974, p. 17).

Entre os indivíduos pertencentes às classes perigosas estavam os loucos e degenerados, que no período representavam para o poder, os sujeitos que precisavam ser controlados por um projeto de sociedade produtiva, voltado à disciplina, à normatização e definidor de padrões que seguiam à lógica da modernidade e do progresso. A ideia de modernidade do Brasil do início do século XX rompia com a subjetividade dos sujeitos ao impor regras e condicionamentos voltados para um determinado padrão de normalidade e legitimava-se por uma necessidade de atendimento a determinados objetivos de sociedade produtiva, que fosse livre de comportamentos contrários as condições morais da época. “Entre

as instituições totais, os Hospitais para doentes mentais é organizado para proteger a comunidade contra os perigos oferecidos por pessoas alienadas, que representavam um incômodo para a sociedade” (GOFFMAN, 1974, p. 17).

Então, no auge de algumas teorias capitalistas, os inúteis do subúrbio, deveriam ser isolados da sociedade. Sociedade que deseja mascarar suas injustiças sociais através de modelos excludentes para os que não se comportam conforme seu figurino. Ora, é muito mais simples por a culpa da imperfeição no negro e no mestiço, do que assumir a injustiça de séculos de escravidão. Assim, Lima Barreto conhece o mundo dos alienados e tenta por em ordem seus pensamentos, até para continuar resistindo à destruição de sua personalidade. Desta maneira, “Lima Barreto inicia o *Diário de Hospício*, sob efeito do trauma da internação, sendo suas anotações um dos meios para lidar com tal situação” (HIDALGO, 2008, p. 230).

Nos primeiros dias de descanso no hospício, Lima Barreto começa o seu processo de desintoxicação, o que o ajuda muito para colocar as ideias em ordem. Começa a fazer uma análise da sua situação e do ambiente em que se encontra. “De escritor passou a paciente, de jornalista à alcoólatra. Apesar da perda do status de intelectual, manteve a escrita como exercício, como reação ao processo de institucionalização do sujeito” (HIDALGO, 2008, p. 231). “Tiram-nos a roupa que trazemos e dão-nos outra, só capaz de cobrir a nudez, e nem chinelos ou tamancos nos dão. Deram-me uma caneca de mate, e logo em seguida, atiraram-me sobre um colchão de capim” (CV, p. 1).

O processo de uniformizar pessoas diferentes, com sintomas também diferentes tem por objetivo apagar qualquer individualidade que ainda resista no indivíduo. Agindo dessa maneira os sanatórios repetem com os loucos o mesmo processo antes utilizado com os tuberculosos e leprosos, ou seja, o isolamento. Isolamento tendencioso a igualar todos no mesmo diagnóstico e no mesmo tratamento. Terapia que se utiliza do isolamento do doente do meio social e investe em tratamento moral e religioso, o que, juntamente com alguns novos medicamentos tenta conseguir uma melhora ou a cura da doença.

“O processo de admissão no hospício pode ser caracterizado como uma despedida e um começo, e o ponto médio do processo pode ser marcado pela nudez” (GOFFMAN, 1974, p. 27). No mundo externo o indivíduo pode manter algum objeto ou atitude que lhe confirmam certa individualidade. No entanto nos manicômios o interno é despido de todas as coisas que traz do exterior. “A impossibilidade de manter o eu, pode provocar no internado o

horror de se sentir radicalmente rebaixado no sistema de graduação de idade” (GOFFMAN, 1974, p. 46).

Ao procurar organizar sua vida através da escrita, Lima Barreto não deixa de fora o seu tom irônico ao analisar sua própria condição:

Voltei para o pátio. Que coisa, meu Deus! Estava ali que nem um peru, no meio de muitos outros, pastoreado por um bom português, que tinha um ar rude, mas doce e compassivo de camponês transmuntado. Ele já me conhecia da outra vez. Chamava-me você e me deu cigarros. Da outra vez, fui para a casa forte e ele me fez baldear a varanda, lavar o banheiro, onde me deu um excelente banho de ducha de chicote. Todos nós estávamos nus, as portas abertas, e eu tive muito pudor. Eu me lembrei do banho de vapor de Dostoievski, na Casa dos Mortos. Quando baldeei, chorei; mas lembrei de Cervantes, do próprio Dostoievski, que pior devem ter sofrido em Argel e na Sibéria. Ah! A literatura ou me mata ou me dá o que eu peço dela (CV, p. 1).

Por muitas vezes, em seus escritos, Lima Barreto fala de seu envolvimento com a literatura. Envolvimento que o faz escrever de forma idealizada por ele como “Literatura Militante”. Para Lima Barreto, um escritor deveria ter compromisso social com aquilo que escrevia e não servir somente para agradar aos ricos e poderosos. Seus romances são recheados de personagens do tipo: Pobres, negros, errantes, loucos, lazarentos, enfim, daqueles que estão ao seu lado na periferia das grandes cidades. Provavelmente por isso foi desprezado em sua pretensão de ser membro da Academia Brasileira de Letras. Mesmo internado em uma casa de saúde mental, Lima Barreto continua a escrever da única forma que acha correto para uma pessoa das letras: Em tom de denúncia.

Entre os vários teóricos do anarquismo, alguns merecem destaque especial, visto suas ideias muito difundidas entre os brasileiros, além de constarem no acervo bibliográfico de Lima Barreto. “Nesse conjunto temos: Max Stirner (1806-1856), Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), Mikail Bakunim (1814-1876), e Errico Malatesta (1853-1932)” (BEZERRA, 2010, p. 34). Com toda influência anarquista foi normal à convivência de Lima Barreto com os jornais e periódicos de sua época que seguiam uma linha anarquista.

“Lima Barreto busca organizar pela escrita sua tumultuada e sofrida experiência do internamento em uma casa de reclusão de loucos, e acaba por transformá-la em material literário” (SILVA FELIPE, 2008, p. 126). “Da loucura, contudo, fica a sugestão do fenômeno como uma normalidade hipertrofiada, uma extrema lucidez que permitia ao escritor vislumbrar o que muitos só décadas mais tarde puderam alcançar” (SILVA FELIPE, 2008, p.

126). Uma extrema lucidez que faz o escritor construir uma análise de sua situação e ver o modo de como os indesejáveis para a sociedade eram tratados pela medicina da época. Necessário lembrar que historicamente a loucura é associada à ideia de desordem, perturbação. E no Brasil, naquele momento de transformações sociais influenciadas pela modernização, parecia óbvio que o mal da loucura seria um grande obstáculo ao desenvolvimento econômico do país. É nesse momento que Lima Barreto começa as suas anotações dentro do hospício, com um apurado senso jornalístico.

“*Diário de Hospício*, de Lima Barreto constitui uma narrativa limite, escrita em decorrência de uma situação limite (HIDALGO, 2008, p. 228). “Ao compor um diário com descrições minuciosas da rotina psiquiátrica e com críticas às relações de poder no manicômio, Lima Barreto produziu um raro documento da história da psiquiatria no Brasil (HIDALGO, 2008, p. 227). O *Diário de Hospício* foi utilizado pelo escritor como um conjunto de anotações da rotina do hospício. Essas anotações, foram posteriormente usadas na elaboração do romance inacabado *O Cemitério dos Vivos*, que mistura a realidade encontrada por Lima Barreto em suas várias internações, com a ficção do personagem Vicente Mascarenhas, criado pelo autor para viver a experiência do internamento.

Cemitério dos Vivos, de Lima Barreto, considerada uma das últimas manifestações literárias do autor, não é muito conhecida no meio acadêmico. Sua narrativa que se caracteriza por ser quase autobiográfica mostra a forte personalidade do escritor. Obra escrita logo após a publicação de *Clara dos Anjos* retrata a trágica experiência vivida no hospício pelo escritor, cuja à doença, miséria e delírios do pai louco se encarregam de dar-lhe material suficiente para a construção de um depoimento marcado algumas vezes por um tom sombrio e outras vezes marcado por situações pitorescas. Entretanto, o contexto do livro aparece muitas vezes sedutor e instigante. Diferencia-se de uma literatura previsível e monótona. O que muitas vezes chama à atenção é sua constante fragmentação, fato que deixa um leitor mais atento intrigado, pois, diversas vezes se questiona a veracidade da narrativa, se registro ou ficção.

Percebe-se, em *Cemitério dos Vivos*, uma visão muito pessoal da loucura, por ser o escritor também personagem de sua obra. Sua própria concepção pode ser classificada dentro da definição de Diário Pessoal, ou seja, de relato individual e exclusivo do fenômeno da loucura. Tem-se assim uma história que mescla ficção e realidade, que apresenta a temática da loucura, num período extremamente conflituoso. Época que se caracteriza por projetos de grandes transformações sociais, essencialmente baseadas na teoria de purificação das raças.

Na confecção de *O Diário de Hospício*, Lima Barreto utiliza-se de seu aguçado senso de observação para fazer suas anotações literárias. Pouco escapa ao seu modelo de escrita, ou seja, suas anotações que futuramente servirão de inspiração para outro romance. Servem também como documento histórico de um período tumultuado de transformações que passa o Brasil do início do século XX. Como sua formação de escritor é pautada pelo jornalismo, torna-se então comum o seu jeito de escrever como uma denúncia de página de jornal.

Além de sua produção literária, Lima Barreto deixou registrado em seus arquivos íntimos, publicações póstumas organizadas por seu biógrafo Francisco de Assis Barbosa. A edição do romance *O Cemitério dos Vivos* é composta de duas partes: A primeira consiste nas anotações realizadas pelo autor durante o período de internamento no Hospital Nacional de Alienados, *O Diário de Hospício*. A segunda parte apresenta o romance inacabado *O Cemitério dos Vivos*, escrito a partir das anotações feitas pelo escritor durante o seu internamento. Trata-se, portanto, de uma obra que reúne memória e ficção, escrita de si e representação da realidade.

A presença de um escritor no espaço asilar contrastava com o padrão do alienado mental até então estabelecido pelas normas do estudo psiquiátrico. Então, observa-se que o caso de Lima Barreto configurava-se em uma exceção ao ambiente dos internos. Uma exceção que era uma prática comum com os outros internos, que de maioria pobre e mestiça, entravam na categoria de excluídos. Lima Barreto era testemunha da prática de eugenia, defendidos pela medicina. “Os médicos cariocas faziam suas conclusões: O indivíduo alienado não é simplesmente uma ameaça perene à tranquilidade pública. É também uma pessoa que atenta contra sua própria vida, é um atrasado, pervertido que deve ficar sobre a tutela do médico” (SCHWARCZ, 1993, p. 292).

Observa-se o enfrentamento de Lima Barreto ao sistema de uma maneira como a de nadar contra a corrente. Com todo um estereótipo e histórico de loucura, o escritor pagou por seus delírios e viu-se no ambiente que jamais sonhara para si. Escreve em seus momentos de reclusão: “Estou seguro de que não voltarei ao hospício pela terceira vez; senão saio daqui para o cemitério. Estou incomodando muito os outros inclusive os meus parentes. Não é justo que tal continue” (CV, p. 1). “Lima Barreto quebrou o círculo de docilidade – utilidade, impondo a sua subjetividade em uma instituição reguladora e de dominação de loucos, utilizando para este objetivo a escrita de si – em última instância remetia a literatura – a literatura de urgência” (HIDALGO, 2008, p. 234). Como criadora da expressão “literatura de

urgência”, a escritora Luciana Hidalgo define o momento que vivia o escritor Lima Barreto como uma situação limite entre a razão e não razão e a tentativa desesperada do escritor de se manter lúcido num ambiente insano. Por ser um intelectual com livros publicados e de certa forma reconhecido em seu meio, Lima Barreto utiliza-se da escrita e de sua formação jornalística para conseguir manter sua individualidade num meio completamente hostil. Ambiente que o escritor já conhecia de outras vezes que fora internado e isolado para tratamento de saúde.

Que dizer das instituições totais? Sem julgamentos, pois a cada época os pensadores imaginam a solução para determinado problema de forma a resolvê-los da melhor maneira possível. Para a medicina da época “o internamento era compatível com a natureza mesma da loucura .Sendo a essência da loucura a ausência da liberdade, a restrição material dos loucos torna-se uma prescrição natural” (FRAYZE-PEREIRA, 1958, p. 82).

O gerenciamento científico da loucura no Brasil inicia-se em finais do século XIX com o propalado discurso do manicômio, todo ele embasado na medicina e psiquiatria influenciadas por teorias da época. Diferente do que acontecia na Europa, onde desde o século anterior a medicina e a ciência mostravam interesse pelo tema. No Brasil, a religião se associava ao Estado com o objetivo de retirar os loucos do convívio em sociedade, internando-os nos hospitais e Santas Casas de Misericórdia.

Finalmente, tem-se o duplo sentido no uso dos manicômios. Se por um lado a medicina se apropria da loucura, por outro lado o discurso legal utiliza esse fenômeno como justificativa para o internamento e isolamento dos considerados loucos e inaptos para viver em sociedade.

Historicamente a internação de Lima Barreto, contextualiza-se num período em que a loucura é reconhecida como doença mental pela medicina social, processo que consolida definitivamente a psiquiatria no Brasil como ciência especializada em loucos e loucura. O esforço de Lima Barreto consistiu em passar para o leitor sua vivência sobre as posturas médicas cientificamente respeitáveis, mas que, na verdade expressavam caracterizações morais de comportamento. Tomando como base a experiência pessoal no hospício, questionou as teorias científicas apresentadas pelos médicos, que eram simplesmente resumidas a uma ação arbitrária e humilhante sobre os pacientes. Enfim, Lima Barreto conseguiu transferência para a seção dos pensionistas, onde se sentia melhor para fazer suas anotações.

“A primeira internação de Lima Barreto no Hospital Nacional de Alienados, foi de maneira forçada. O mesmo foi conduzido pelo camburão da polícia em 18 de agosto de 1914. Em dezembro de 1919, aconteceu a segunda internação”, (DORIGATTI. 2010, p. 1), que além de ser voluntária, não foi necessária a condução por policiais, pois, Lima Barreto pede para ser internado devido a seu estado decadente e lastimável estado físico.

“Eu entrei na seção Calmeil, seção dos pensionistas na segunda-feira 28 de dezembro. O inspetor da seção é um velho português de perto de sessenta anos, que me conhece desde os nove anos de idade” (C.V. 2014, p. 45). Como um modelo de sociedade em miniatura, o Hospício guardava em sua organização uma estrutura semelhante ao da sociedade que pertencia. Dentro e fora do asilo existiam diferentes classes sociais que obrigatoriamente conviviam entre si, em seus distintos lugares, é claro. A seção Pinel era destinada aos indigentes e deserdados. A seção Calmeil era um setor onde havia um melhor tratamento para os internos. E, por fim o setor dos pensionistas era quase que totalmente uma área particular. Resumindo na ordem: Pinel (indigentes, pobres), Calmeil (classe média) e Pensionistas (abastados, ricos).

2 A experiência da loucura

Lima Barreto em suas anotações nem sempre deixa claro, ou, em ordem cronológica os seus movimentos dentro do Hospício. Para um leitor mais atento fica fácil observar que suas mudanças de setor (Pinel, Calmeil, Pensionistas) dependem muito das consultas e de um conhecimento prévio que o escritor tem com alguns antigos funcionários da clínica.

A opção pela Calmeil fora justificada em seu diário como uma possibilidade de ter acesso à biblioteca da seção. Não era a primeira vez que ele recorria à biblioteca do asilo. O recurso à leitura e a escrita pode ser compreendido como uma forma de subverter o cotidiano asilar marcado pela ociosidade entre o horário das refeições e do recolhimento, numa temporalidade descrita como vaga e demorada. Ler e escrever também se apresentavam como alternativa ao dificultoso contato e forma de se comunicar com os demais internos, ao mesmo tempo, que mantinha o exercício mental de lidar com a literatura como uma maneira de se manter bem num lugar hostil, depois chamado pelo escritor de cemitério dos vivos.

“Logo ao entrar na seção Calmeil notei que a biblioteca tinha mudado de lugar, mudei a roupa, pois meu irmão apareceu com outra de casa. Esperei o Dias (homem talhado para pastorear doidos) para que me marcasse o dormitório” (CV, p. 6-7). Paro aqui, pois me canso; mas não posso deixar de consignar a singular mania que tem os doidos, principalmente os de baixa extração de andarem nus. “Na Pinel, dez por cento assim viviam, num pátio que era uma bolgia do inferno. Porquê será?” (CV, p. 5).

“No dia seguinte à minha entrada na seção, fui à presença do médico. É um rapaz do meu tempo e deve ter a minha idade; conheci-o estudante, ele porém, não me conheceu por esse tempo” (CV, p. 7). “Olhei as fisionomias e, tanto aqui, como na outra seção, eu me surpreendi de encontrar fisionomias vagamente conhecidas (...) eu detinha o primeiro impulso de perguntar a cada um: O senhor não me conhece? (CV, p. 7). “O que me detinha era aquele jeito apalermado que os loucos demonstravam em seu semblante, ao mesmo tempo que me olhava e sentia vergonha do estado moral e físico em que me encontrava” (CV, p. 7).

Ora, sendo na época o Rio de Janeiro uma cidade com um número de habitantes pequeno e com uma classe intelectual e boêmia de poucas pessoas, nada mais natural que muitos fossem reconhecidos por Lima Barreto. Mesmo sendo funcionário público, o que não

o impedia de trabalhar na imprensa escrita, o jornalismo o aproximava de todas as classes sociais, o que por sua vez determinava para o escritor um grande leque de conhecimentos com seus contemporâneos. Então, foi muito comum para Lima Barreto encontrar pessoas de vários círculos da sociedade dentro do convívio manicomial.

A ficção de Lima Barreto denuncia uma sociedade marcada por extratos sociais injustos. Sua condição de mulato pobre e a sensação de não pertencimento à elite literária de sua época lhe moldaram certa autonomia para escrever o que achava da segregação racial entre classe dominante e a imensa população pobre do Brasil. Lima Barreto via na República a perpetuação no poder de certos grupos hegemônicos. O escritor ao abordar alguns aspectos relacionados aos acontecimentos de seu tempo, por sua vez, toca na ferida de uma organização social desigual que funcionava na sua sociedade. Mas, voltando aos momentos de reflexão de Lima Barreto, temos um escritor atento aos movimentos e funcionamento do hospício.

“Estou entre mais de uma centena de homens, entre os quais passo como um estranho. Não será bem isso, pois vejo bem que são meus semelhantes” (CV, p. 8). “Que dizer da loucura? Mergulhado no meio de quase duas dezenas, não se tem uma impressão geral dela. Mas pode-se afirmar que: Entre loucos não há espécies, não há raças de loucos; há loucos só” (CV, p. 11-12).

Lima Barreto começa o seu questionamento sobre a loucura e suas causas. Não se limita somente a entender o fenômeno do alcoolismo e a loucura como uma bula médica. Em sua análise da situação de louco e de alcoólatra procura desmistificar os rótulos postos sobre as tais enfermidades:

Há os que deliram; há os que se concentram num mutismo absoluto. Quando menino, muito vi loucos e, quando estudante muito conversei sobre essas sandices (...) Há uma nomenclatura, uma terminologia, segundo este, segundo aquele; há descrições de tais casos, observações, mas uma explicação de loucura não há. Procuram os antecedentes do indivíduo, mas nós temos milhões deles e se procurarmos com critério é bem certo haver loucos, viciosos, degenerados de toda sorte. De resto, quase nunca os filhos dos loucos são gerados quando eles são loucos; os filhos dos alcoólicos, da mesma forma, não o são quando seus pais chegam ao estado agudo do vício e, pelo tempo da geração bebem como todo mundo (CV p. 12).

Lima Barreto na sua abordagem do problema dos alcoólatras, não aceita a teoria da degeneração da raça, ou simplesmente a hereditariedade. Então, como as clínicas resolviam

diferentes quadros de desestabilização mental com a mesma padronização? O Hospício era utilizado como lugar de exclusão social. Alcoolismo e loucura enquanto diagnóstico da medicina da época, surgiram no período das reformas urbanas e das transformações no mundo do trabalho e no cotidiano de todos. Então voltamos ao ponto dos excluídos do sistema: O pobre, alcoólatra, negro, o perfeito degenerado para um sistema excludente. “Mais do que isso, dizer que há modelos sociais da loucura significa que o indivíduo não enlouquece segundo seus próprios desígnios, mas segundo um quadro previsto pela cultura da qual é membro” (FRAYZE-PEREIRA, p. 29).

“Passei a noite de 25 no pavilhão, dormindo muito bem, pois a de 24 tinha passado em claro, errando pelos subúrbios, em pleno delírio, procurando uma delegacia, para registrar as mais fantasiosas queixas” (CV, p. 2).

O escritor tem a consciência do quão ridículo as suas atitudes nos momentos de devassidão em seu relacionamento com alcoólicos. Mas uma simples parada volta a ser o cronista e escritor atento aos detalhes do funcionamento do Hospício. “Amanheci, tomei café e pão e fui à presença de um médico, que me disseram chamar-se Adauto. Tratou-me ele com indiferença, fez-me perguntas e deu a entender que, por ele, me punha na rua” (CV, p. 2)

Começa uma rotina de ser examinado por vários médicos. Até certo ponto, os médicos que já conhecem o problema de Lima Barreto, o tratam bem, mas sempre fica a dúvida se o paciente está falando racionalmente ou ainda em estado de demência. Seria mais simples para o médico pensar assim: Quando o paciente questiona sobre seu estado de saúde mental, o médico reflete e faz seu diagnóstico: O que estaria então fazendo aquele paciente num hospital?

“Tinha que ser examinado pelo Henrique Roxo. Há quatro anos, nós nos conhecemos. É bem curioso esse Roxo. Me parece inteligente, honesto, mas não sei por que não simpatizo com ele (...) Acho-o muito livresco e pouco interessado” (CV, p. 2).

Excelente as anotações de Lima Barreto que lembra os nomes de alguns médicos pioneiros no tratamento de doenças mentais no Brasil do início do século XX. Alguns assumiram a diretoria do Hospital e fizeram os primeiros estudos sobre as doenças mentais no país. Lima Barreto conviveu com os médicos que defenderam ativamente a teoria da degeneração da raça. Figuras importantes na medicina e psiquiatria como Afrânio Peixoto, Juliano Moreira, Henrique Roxo entre outros, foram pioneiros de um modelo de regeneração

racial para um projeto de país do futuro, onde não existissem todas as mazelas dos primeiros anos do século XX.

Importante um pequeno resumo dos principais médicos psiquiatras que conviveram com Lima Barreto. Foram selecionados para este trabalho uma pequena biografia de três profissionais da saúde mental do Hospital de Alienados e percussores da psiquiatria no Brasil.

“Juliano Moreira (1873-1933), médico psiquiatra negro, considerado fundador da psiquiatria no Brasil. Dirigiu o Hospital Nacional de Alienados na cidade do Rio de Janeiro entre 1903 e 1930” (VENANCIO, 2010, p. 1). Divergia da teoria da degeneração propiciada pela mestiçagem. Sua posição era minoritária entre os intelectuais da sua época. Mulato como Lima Barreto, Juliano Moreira tratou do paciente-escritor com grande ternura e um afeto quase paternal, e até mandou que escolhesse o local que gostaria de ficar no sanatório. “Henrique Britto de Belford Roxo (1877-1969), foi médico psiquiatra brasileiro, pioneiro no tratamento de doenças mentais e tem seu nome como referência para o Sanatório Henrique Roxo, em Campos de Goytacazes, no Estado do Rio”(DVAGOG, 2014, p. 1). Afrânio Peixoto, médico formado pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1897. Trabalhou em 1902 como inspetor de saúde pública no Hospital de Alienados na capital da república, seu nome completo era “Júlio Afrânio Peixoto (1876-1947), político, médico, professor, crítico, ensaísta, romancista, historiador. Nasceu em Lençóis, Bahia. No ano de 1902, e, a chamado de Juliano Moreira, mudou-se para trabalhar no Rio de Janeiro” (PEIXOTO, p. 1).

Para melhor compreensão do cenário em que surgiu o movimento de eugenia no Brasil, torna-se necessário considerar o debate que mobilizou os intelectuais sobre a questão racial. Vale lembrar que no pós-abolicionismo, em virtude do enorme contingente de negros libertos, o Brasil aparecia aos olhos do mundo como um imenso território de homens incapazes e degenerados. Durante as primeiras décadas do século XX, o país entrava numa era de profundas mudanças políticas e sociais. Tendo de um lado o início da industrialização, emigração urbana e urbanização das principais cidades a delimitarem um novo quadro social. De outro lado os efeitos perversos da Primeira Guerra Mundial que causavam grande desconforto nas elites políticas e intelectuais, obrigando-as a voltar os olhos para dentro de seu próprio país, esquecendo um pouco aquele sonho de Brasil que parecia fazer parte da Belle Époque.

Durante os anos de 1920, a eugenia passou a despertar interesse de médicos, sanitaristas, educadores e também de setores da elite tupiniquim que se preocuparam com a imagem do brasileiro no exterior. “A preocupação máxima era o saneamento e a eugenia, uma vez que o país estava infestado de endemias” (SCHWARCZ, 2014, P. 249). Por sua vez, o conceito de saneamento se confundia com o de eugenia. Medidas fortes no controle da miscigenação indicavam que poderia ser necessário eliminar a vaca para exterminar o carrapato. Apesar de concordar com a ideologia sanitarista e as preocupações com a reforma da sociedade, a eugenia reintroduzia no Brasil às discussões sobre a questão racial e o racismo biológico. Deste modo se confundem programas e ideias sanitaristas com pensamento sobre eugenia. Sempre que se falava em modelo de higiene, discutiam a regeneração racial como consequência ou objetivo.

Retornando ao nosso escritor-paciente, Lima Barreto, recomeça a sua peregrinação por vários setores do manicômio.

“Esperei o médico. Era um doutor Airoso, creio eu ser esse o nome, interrogou-me, respondi-lhe com franqueza, e ele não me pareceu mau rapaz, mas sorriu enigmaticamente, como a dizer: Você fica” (CV, p. 3). De espera em espera, fazia pequenas anotações do funcionamento da clínica em seu diário. Anotações de uma rotina médica que tratava os internos de maneira uniforme.

Descreve a forma como o corpo de funcionários da clínica dispõe dos internos e como faz para acomodá-los:

Chamou-me o bragantino e levou-me pelos corredores e pátios até ao hospício propriamente. Aí é que percebi onde estava, na seção dos indigentes, aquela em que a imagem da desgraça pode fazer na vida do homem. Bom que permaneci poucos dias e logo o Santana (enfermeiro – mor), um mulato forte, simpático, olhos firmes, um pouco desconfiados, foi muito bom pra mim . Ele fora empregado na Ilha, quando meu pai era administrador, e se lembrava dele com amizade. Deu-me uma cama, numa seção mais razoável, arranhou que eu comesse com os pensionistas de quarta classe e, no dia seguinte, fez-me dormir num quarto, com um estudante de medicina, Queirós, que num ataque tornara hemiplégico e meio aluado (CV, p. 3-4).

Inaugurado em 1852, na cidade do Rio de Janeiro, o Hospital Nacional de Alienados foi o primeiro manicômio brasileiro. Com o pomposo nome de “Hospício D. Pedro II” dispensava aos internos, tratamento semelhante aos utilizados anteriormente pela Santa

Casa de Misericórdia, tendo por base a correção moral e o suporte espiritual. Com o avanço do discurso científico e o uso da racionalidade, a teoria religiosa foi aos poucos sendo substituída pela medicina e psiquiatria. Ora, a abordagem do problema continua o mesmo. “Por meio de confinamentos e internações, a ciência ainda vê o louco como indivíduo que tem que permanecer fora da sociedade” (GOFFMAN. 1974, p. 16). Exercem sobre os doentes mentais um controle que permite experiências e observações do fenômeno da loucura. Neste ponto a insânia passa a ser convertida em objeto de estudo e submetida ao confinamento, servindo de laboratório para defender as teorias de degeneração da espécie. Lima Barreto descreve desta maneira o hospício:

O Hospício é bem construído e, pelo tempo em que o edificaram, com bem acentuados cuidados higiênicos. As salas são claras, os quartos amplos,, de acordo com sua capacidade e destino, tudo bem arejado, com o ar azul dessa linda enseada de Botafogo que nos consola na sua imarcescível beleza, quando a olhamos levemente enrugada pelo terral, através das grades do manicômio, quando amanhecemos lembrando que não sabemos sonhar mais... (CV, p. 4).

“O encarceramento imposto e a sujeição às normas e regulamentos das instituições totais, sugerem uma comparação entre a situação dos internos no hospício com a situação de criminosos em uma prisão” (GOFFMAN. 1974, p. 16-17). É esse o sentimento que Lima Barreto descreve no ambiente manicomial. Não se deve esquecer que, em se tratando de confinamento, a própria expressão da identidade do indivíduo se vê forçada ao recolhimento. O uso obrigatório de peças de uniforme e outras proibições impõem ao sujeito a eliminação de sua personalidade. Lima Barreto luta contra a destruição de sua pessoa através da escrita, o que lhe ajuda bastante a suportar a dura rotina do hospício. A força e a vitalidade de sua escrita, entra em contraste com a decadência do corpo, cada vez mais combalido e fustigado por uma vida repleta de embates e conflitos.

São de registros da rotina diária do funcionamento do hospício que Lima Barreto prepara o terreno para escrever seu último romance. O escritor fala das diversas vezes em que esteve internado e de como se relacionava com os diretores e funcionários do sanatório.

“Na segunda feira, antes que meu irmão viesse, fui à presença do doutor Juliano Moreira. Tratou-me com grande ternura, paternalmente, fez-me sentar ao seu lado e perguntou-me onde queria ficar. Disse-lhe que na seção Calmeil”(CV, p. 5). A preferência de Lima Barreto por essa seção do manicômio era devido à existência da Biblioteca naquele setor, o que humanizava sua permanência no asilo. Perto dos livros e com o acesso a escrita

tornava mais suportável a sua longa estadia na casa de tratamento mental. Descreve sua experiência com os monitores da instituição.

Estive mais de uma vez no hospício, passei por diversas seções e eu posso dizer que me admirei que homens rústicos, os portugueses, pudessem ter tanta resignação, tanta delicadeza para suportar os loucos e as suas manias. Na verdade nem todos os loucos são insuportáveis, na maioria dos casos são obedientes e dóceis; mas os poucos rebeldes, são por vezes de fazer um homem perder a cabeça (CV, p. 6).

O fato é que diante dos textos de *Diário de Hospício* e *Cemitério dos Vivos*, um leitor mais atento tem necessariamente que distinguir uma obra da outra. Pode-se usar uma técnica simples como a de separar os fragmentos de anotações da parte em que Lima Barreto cria o seu personagem “Vicente Mascarenhas”, ao qual passa a palavra de narrador do romance. Mas, é importante focarmos a atenção sobre os registros do funcionamento do hospício feitos por Lima Barreto. Outra forma de entender o romance seria, primeiro ler os registros do seu diário, e depois de algum tempo se dedicar a *O Cemitério dos Vivos* para ter um melhor entendimento do que pode ser ficção daquilo que é realidade.

“Aqui no Hospício, há dois oficiais uxoricidas (crime passional). Dos oficiais, um é positivamente louco (...) o outro uxoricida parece-me não ter nada. Creio que ele está aqui para fugir a cárcere mais duro” (CV, p. 24). O senso de observação do escritor localiza de imediato o privilégio obtido, através da justiça, para favorecimento de um oficial protegido das elites da época. Sempre atento aos fatos e usando de bom senso dentro do hospício, Lima Barreto continua a fazer suas considerações sobre a rotina do manicômio.

“Poderia alongar-me na descrição dos doentes, mas a loucura tem tantos pontos de contato de um indivíduo para o outro, que seria arriscado tornar-me fastioso se quisesse descrever muitos doentes” (CV, p. 18). Em um universo heterogêneo, o escritor Lima Barreto não consegue fazer uma padronização do comportamento dos internos. Alguns caem num mutismo absoluto, outros ficam balbuciando palavras desconexas. Mas o que caracteriza a maioria dos internos, segundo o escritor é uma atitude apalermada e os olhos fitos em um vazio, o que os faz parecer abobalhados.

“Os enfermeiros na seção em que estou, são em geral bons. Há, porém, uma casta deles que não presta. São os tais particulares. Estes são aqueles que os doentes abastados da primeira classe são autorizados a trazer” (CV, p. 19).

Lima Barreto descreve alguns privilégios que funcionam dentro do espaço asilar. Tal como a sociedade do lado de fora, que preserva tratamento melhor às pessoas que detêm uma situação financeira boa, da mesma forma os que estão dentro do hospício que tem boa condição social, são tratados de maneira diferente dos indigentes.

“Os guardas em geral, principalmente os do pavilhão e da seção dos pobres, têm os loucos na conta de sujeitos sem nenhum direito a um tratamento respeitoso, seres inferiores, com os quais eles podem fazer o que quiserem” (CV, p. 19).

Quando o escritor se refere aos guardas do pavilhão, faz uma indicação direta a seção Pinel, onde se amontoam infelizes indigentes, que ficam a espera de um melhor tratamento. Tratamento que não é dispensado pra eles.

Por muitas vezes Lima Barreto explica em seus relatos todo sofrimento que os internos são submetidos. Como é difícil de apagar da memória todos os traumas da internação forçada que o indivíduo vivencia.

“Caído aqui, todos os médicos temem pôr logo o doente na rua. A sua ciência é muito curta, muito prevê; mas seguro morreu de velho e é melhor empregar o processo da idade média: A reclusão” (CV, p. 23). Como o próprio Lima Barreto descreve: A medicina da época não estava preparada para lidar com o fenômeno da loucura.

Conclusões

Toda luta travada por Lima Barreto, tanto no plano pessoal, como no lado social são marcados por uma posição de combate ao funcionamento das teorias racistas e de eugenia praticadas no início do século XX no Brasil. Racismo sentido e percebido por um dos nossos maiores escritores negros da nossa história. Os motivos vão desde o não reconhecimento de seu trabalho intelectual (através do silêncio da crítica), até a não aceitação do seu nome para membro da Academia Brasileira de Letras. Tido como escritor maldito, Lima Barreto não teve em vida o reconhecimento do conjunto de sua obra. Num desabafo o escritor demonstra como foi tratado pela sociedade de sua época .

Quarta feira última, chegando à Secretaria, deram-me um convite para assistir à saída da esquadra de bordo de um navio Lloyd. Fui, depois de hesitar muito. Fui a bordo ver a esquadra partir. Multidão. Contato pleno com meninas aristocráticas. Na prancha ao embarcar, a ninguém pediam convite; mas a mim pediram. Aborreci-me. Encontrei Juca Floresta. Fiquei tomando cerveja na barca e saltei. É triste não ser branco (DI, p. 90).

Por diversas vezes o escritor Lima Barreto relata as formas de tratamento recebidas por uma sociedade que o discrimina. Esse tratamento recebido pelo escritor se torna uma bandeira de lutas do intelectual contra um sistema social excludente.

Também contribuem para aumentar suas dificuldades na sua solitária luta por reconhecimento, os traumas de infância. Perdeu a mãe muito cedo. Seu pai enlouquece, quando ele era ainda um jovem inexperiente para a vida. Provavelmente essa imaturidade e a grande responsabilidade de cuidar de sua família tenham influenciado fortemente sua personalidade. Restava então, o álcool como válvula de escape para melhor suportar todas as pressões que uma sociedade racista impõe aos que não nascem brancos.

Para o escritor que sonhava com a fama e o reconhecimento de seu talento, restava somente se confortar com um insignificante emprego, conseguido através de um concurso no Ministério da Guerra. Assim ele se refere à sua casa e seu emprego.

A minha casa me aborrece. O meu pai delira constantemente e o seu delírio tem a ironia dos loucos de Shakespeare. Meus irmãos, egoístas como eles, queriam que eu lhes desse tudo o que ganho e me curvasse à Secretaria da

Guerra. O que me aborrece mais na vida é esse secretaria; (...) não posso suportá-la. É o meu pesadelo, é a minha angústia. Tenho por ela um ódio, um nojo, uma repugnância que me acabrunha (DI, p. 124).

A despeito do seu estilo fortemente influenciado pelo jornalismo, a produção de Lima Barreto expõe abundantes reflexões acerca de si mesmo. Ao longo do Diário suas análises apontam muitas vezes para uma existência fragmentada, divididas entre ficção e realidade. Potencial literário e criativo que conserva e procura incansavelmente materializar suas dúvidas acerca de si mesmo, de sua inserção no mundo e de sua pré-condição de louco.

O *Diário de Hospício* revela o íntimo do autor, mas também evidencia o ambiente externo em que produz os seus escritos. Trata-se, de certa forma, de um documento de época. Lima Barreto ao escrever suas impressões acerca do mundo e dos elementos que compunham o ambiente manicomial, descreve também alguns aspectos relacionados às condições sociais e científicas vividas pelo país, que a todo custo implementava medidas de higiene e eugenia. É a escrita do cronista cuja à identidade se mistura com a cidade em que vive.

O autor, recolhido para tratamento no Hospital Nacional de Alienados, vê, portanto, na sua escrita, a única maneira de se manter são, de se afirmar como sujeito e como pessoa dotado de personalidade própria. O *Diário de Hospício* surge, pois, como laboratório para o desenvolvimento de um romance que o autor não consegue concluir em função de sua morte prematura. De qualquer maneira, os escritos que foram produzidos de dezembro de 1919 a fevereiro de 1920 se mostram reveladores de uma apurada escrita reflexiva, ainda que fragmentada. Mas que isso, o cruzamento do Diário com o material inacabado do romance fornece elementos da convivência na clausura manicomial.

Estudar os registros íntimos de Lima Barreto e fazer comparativos com os momentos históricos do Brasil é como fazer uma viagem no tempo. Entender, e, muitas vezes sorrir com as reflexões do autor sobre si mesmo, sobre a situação em que vivia seu país e as transformações sociais urgentes que tinham por objetivo transformar uma sociedade doente, em um povo voltado para a produção e para a riqueza na ótica do escritor é tomar conhecimento de uma história que não está nos livros didáticos.

Em uma de suas crônicas, onde revela um escritor deprimido e desanimado, Lima Barreto, faz o seu elogio da morte: Aqui peço permissão para reproduzi-la na íntegra.

ELOGIO DA MORTE

Não sei quem foi que disse que a Vida é feita pela Morte. É a destruição contínua e perene que faz a vida.

A esse respeito, porém, eu quero crer que a morte mereça maiores encômios.

É ela que faz todas as consolações das nossas desgraças; é dela que nós esperamos a nossa redenção; é ela a quem todos os infelizes pedem socorro e esquecimento.

Gosto da Morte porque ela é o aniquilamento de todos nós; gosto da morte porque ela nos sagra. Em vida todos nós só somos conhecidos pela calúnia e maledicência, mas depois que Ela nos leva, nós somos conhecidos (a repetição é a melhor figura de retórica), pelas nossas boas qualidades.

É inútil estar vivendo, para ser dependente dos outros; é inútil estar vivendo para sofrer os vexames que não merecemos.

A vida não pode ser uma dor, uma humilhação de contínuos e burocratas idiotas; a vida deve ser uma vitória. Quando, porém, não se pode conseguir isso, a Morte é que deve vir em nosso socorro.

A covardia mental e moral do Brasil não permite movimentos de independência; ela só quer acompanhadores de procissão, que só visam lucros ou salários nos pareceres. Não há, entre nós, campo para as grandes batalhas de espírito e inteligência. Tudo aqui é feito com o dinheiro e os títulos. A agitação de uma ideia não repercute na massa e quando esta sabe que se trata de contrariar uma pessoa poderosa, trata o agitador de louco.

Estou cansado e dizer que os malucos foram os reformadores do mundo.

Le Bon dizia isto a propósito de Maomé, nas suas *Civilisation des Arabes*, com toda razão; e não há chanceler falsificado e secretária catita que o possa contestar.

São eles os heróis; são eles os reformadores; são eles os iludidos; são eles que trazem as grandes ideias, para a melhoria das condições da existência da nossa triste humanidade.

Nunca foram os homens de bom senso, os honestos burgueses ali da esquina os das secretárias chics que fizeram as grandes reformas do mundo.

Todas elas tem sido feitas por homens, e, às vezes mesmo mulheres, tidos por doidos.

A divisa deles consiste em não ser panurgianos e seguir a opinião de todos, por isso mesmo podem ver mais longe do que os outros.

Se nós tivéssemos sempre a opinião da maioria, estaríamos ainda no Cro-Magnon e não teríamos saído das cavernas.

O que é preciso, portanto, é que cada qual respeite a opinião de qualquer, para que desse choque surja o esclarecimento do nosso destino, para a própria felicidade da espécie humana.

Entretanto, no Brasil, não se quer isso. Procura-se abafar as opiniões, para só deixar em campo, os desejos dos poderosos e dos prepotentes.

Os órgãos de publicidade por onde se podiam elas revelar, são fechados e não aceitam nada que os possa lesar.

Dessa forma, quem, como eu nasceu pobre e não quer ceder uma linha de sua independência de espírito e inteligência, só tem que fazer elogios à Morte.

Ela é a grande libertadora que não recusa os seus benefícios a quem lhe pede. Ela nos resgata e nos leva a luz de Deus.

Sendo assim, eu a sagro, antes que ela me sagre na minha pobreza, na minha infelicidade, na minha desgraça e na minha honestidade.

Ao vencedor, as batatas!

Esta é com certeza uma de suas crônicas mais ácidas. No seu estilo direto e sucinto de demonstrar seus pensamentos, Lima Barreto não economiza adjetivos para melhor compreensão de seus textos. Em Elogio da morte, o escritor parece querer resumir todas as suas indignações contra um sistema que enfrentou durante toda sua vida. Também a aceitação de que muito não poderia ser feito para mudar essa realidade traz para Lima Barreto o conforto da morte e do esquecimento. Outros trechos em que usa de uma descrição real e irônica de observações do cotidiano, nos faz entender como interpretava as pessoas e objetos que estavam ao seu redor. Assim é comum para um leitor curioso em conhecer sua obra as descrições que o escritor faz de algumas pessoas ou de fatos acontecidos. No asilo descreve um interno que faz companhia ao diretor do Hospício como um indivíduo que apesar de usar um pince-nez (óculos), não deixava de ter aquela fisionomia bovina. Ou de outra vez em que andava pelos corredores do hospital com um livro debaixo do braço e ouviu quando um colega de internamento falou: Não tem jeito, isso aqui está parecendo um colégio.

Esse estilo livre e descompromissado de escrever trazem uma simpatia e uma intimidade com o seu leitor. Lima Barreto sabe ser sério e pitoresco ao mesmo tempo. Com sua ironia consegue ser simples e capaz de escrever sobre os mais diversos assuntos. Como escritor nunca se recusou a dar sua opinião sobre os acontecimentos de sua época. Mesmo enfrentando preconceitos, discriminações por sua origem e pela cor de sua pele, soube, como grande mestre das letras dar uma resposta adequada às elites do seu tempo.

Praticamente toda sua literatura é baseada num protesto contra o abandono dos pobres e miseráveis da Primeira República. Torna-se o primeiro escritor pré-modernista a ser reconhecido somente no pós- morte. Não fez outra coisa durante toda sua vida de escritor há não ser combater as injustiças sofridas por seu povo. Defendeu até o final de sua vida uma literatura libertadora, engajadora e que solucionasse os problemas enfrentados por nossa própria condição de seres incompletos. Mas sua luta não foi em vão. Sempre defendeu que o Brasil é um país rico, e, que tem seu povo abandonado por suas elites dirigentes. Quem dera o Brasil contasse com mais escritores que se utilizassem da literatura militante para libertar o povo de todas as opressões.

Afirmo que toda minha curiosidade sobre literatura brasileira foi despertada quando li a crônica Elogio da Morte. Cansado de ler romances que passavam um capítulo inteiro concentrados na descrição da moldura de uma porta, o que, parecia para mim uma coisa ridícula e um enorme perda de tempo. Então, conheci a literatura e as crônicas de Lima Barreto, que para meu contentamento eram totalmente diferentes daqueles romances chatos e monótonos, os quais líamos, somente por obrigação.

Lima Barreto, morreu pobre e esquecido num longínquo subúrbio da cidade do Rio de Janeiro. A sua cidade natal, da qual nunca deixara de defender, desde as suas belezas naturais, até o seu povo pobre e sofrido das periferias que perdia assim um dos seus mais ilustres filhos. Pena o seu talento ser reconhecido somente décadas depois da sua morte. Do silêncio aos preconceitos de sua época, tudo foi utilizado para colocar o mulato intelectual no ostracismo. Mas, como o próprio Lima Barreto afirmou algumas vezes: “Um dia isso me fará grande”. E fez. Hoje Lima Barreto pode ser considerado um dos maiores escritores negros do Brasil.

Este trabalho, desde o início, teve por objetivo adentrar a um campo de reflexão que tem muito a contribuir para a compreensão da obra de Lima Barreto. Escritor marginalizado em sua época; pobre, alcoólatra, mulato, que denunciava no conjunto do que escrevia todas as injustiças perpetradas contra os negros que se espremiavam nos subúrbios da então capital da República. Injustiças vivenciadas na pele pelo próprio escritor, pois apesar do reconhecimento intelectual, morreu pobre e esquecido, na periferia da única cidade sobre a qual escreveu e amou durante toda sua vida.

Seu discurso incomodava os conservadores da época, pois, sua enérgica postura em favor dos desvalidos lhe renderia a fama de escritor maldito. Lima Barreto incomodou e

muito o sistema de uma república que se mostrava racista, preconceituosa e que excluía os cidadãos mais humildes do banquete da vida. Foi o primeiro intelectual brasileiro a desmascarar o projeto de país republicano que não atendia as necessidades de sua população e sim que se sustentava no poder para se locupletar e favorecer os amigos e puxa-sacos dos políticos. Em seus romances, contos e crônicas, seu tema era sempre de denúncia. Algumas vezes escrevia de maneira direta e outras utilizando o humor e a sátira, na qual se tornou um dos mestres do gênero satírico.

Convivendo com o fenômeno da loucura desde a infância, teve que enfrentar o súbito enlouquecimento de seu pai e assumir o sustento de toda sua família. Provavelmente foi uma carga maior que os poucos anos de idade do escritor pudessem suportar. Mesmo assim assumiu a literatura como a maior de suas paixões e sempre sonhou com a glória literária. Seu estilo, simples e direto destoavam do modelo dos escritores do seu tempo, e, possivelmente por isso foi preterido algumas vezes num lugar para a Academia Brasileira de Letras.

Para conhecer melhor Lima Barreto, necessário seria um mergulho nos seus diários pessoais, onde o escritor se mostra sem reservas e sem medo de ser perseguido pelo vago emprego público que exercia. Praticamente desprezado no seu tempo, reconhecido com reservas até as décadas de 1940 e 1950, e, revalorizado a partir de 1970, é preciso acompanhar esse percurso de sua vida, que o leva de promissor talento, até sua convivência com a loucura e sua morte prematura. Sua literatura foi marcada fortemente com a preocupação da situação social do negro no Brasil, sendo ele também um dos excluídos do sistema. Em seus diários, traz a preocupação com as dívidas de seu pai, com a insegurança de seu trabalho, com doenças incuráveis que o escritor não teria condições de custear. Vive como um passageiro da agonia de um período muito difícil para os negros no Brasil. Ele mesmo se torna um personagem de uma época em que o seu país implementava medidas de saneamento e exclusão de todos que o Estado considerava inúteis do subúrbio.

A bebida alcoólica e a constante preocupação com a sobrevivência econômica, juntamente com os cuidados da doença de seu pai, deram à figura do escritor os contornos do retrato com que a posteridade ainda hoje o reconhece. Um escritor bêbado, boêmio, recalçado pela cor da sua pele, enfim, um eterno revoltado com a sua condição de vida. Compará-lo ao Cavaleiro de Quixote, ou um Charles Chaplin das Américas seria um prêmio a sua luta solitária contra as injustiças sociais.

Sonhou grande? Sim. Declarou muitas vezes em seus arquivos íntimos uma necessidade do reconhecimento de seu talento de escritor. Sonhou também uma viagem para Portugal e com um lugar na Academia Brasileira de Letras. Nada disso conseguiu realizar. Seu talento somente foi reconhecido décadas depois de sua morte.

Imagine o que é para um mulato, que assistiu à Abolição da Escravatura ainda menino, lidar, ao mesmo tempo, com o preconceito racial cotidiano que sempre estava no seu caminho. Enfrentar as teorias racistas, determinismos biológicos, condenação ao fracasso, tudo isso junto, não deve ter sido uma situação fácil de encarar.

Muito provavelmente a provação mais forte, feita à sua revelia, foi a internação hospitalar, levado pelo camburão da polícia a pedido de seus familiares. Essa internação rendeu-lhe reflexões profundas e o levou a enxergar naquele depósito de pessoas miseráveis, seres humanos iguais a ele. Privados de sua cidadania, até o ponto em que a dignidade humana pode ser vilipendiada.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

BARRETO, Lima. *O cemitério dos vivos*. São Paulo: Poeteiro, 2014. Disponível em: <<http://www.projetoLivroLivre.com/Lima%20Barreto%20-%20O%20Cemiterio%20dos%20Vivos%20-%20Iba%20Mendes.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2015. Publicado originalmente em 1921.

_____. *Diário íntimo*. São Paulo: Poeteiro, 2014. Disponível em: <<http://www.projetoLivroLivre.com/Lima%20Barreto%20-%20Diario%20Intimo%20-%20Iba%20Mendes.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2015. Publicado originalmente em 1953.

_____. Elogio da morte (19 out. 1918). In: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (Orgs.). *Lima Barreto: toda crônica*. Rio de Janeiro: Agir, 2004. Publicação original em livro como parte de *Marginália*.

_____. Maio (4 maio 1911). In: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (Orgs.). *Lima Barreto: toda crônica*. Rio de Janeiro: Agir, 2004. Publicação original em livro como parte de *Feiras e mafuás*.

_____. A volta (26 jan. 1915). In: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (Orgs.). *Lima Barreto: toda crônica*. Rio de Janeiro: Agir, 2004. Publicação original em livro como parte de *Vida urbana*.

BEZERRA, Jane Mary Cunha. *Lima Barreto: anarquismo, antipatriotismo e forma literária*. Dissertação (Mestrado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

CHALHOUB, Sidney. Medo branco de almas negras: escravos, libertos e republicanos na cidade do Rio. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 8, n. 16, p. 83-105, 1988.

DORIGATTI, Bruno. *Lima Barreto: entre o hospício e o cemitério*. São Paulo: Saraiva, 2010.

DVAGOG, Raquel. Henrique Britto de Belford Roxo. 2014. Manuscrito. Disponível em: <<http://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Henrique-britto-de-belford-roxo/65993059.htm>>. Acesso em 11 abr. 2015.

FARACO, Carlos. Uma literaturaafiada. In: BARRETO, Lima. *Histórias e sonhos*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000.

FERREIRA, Luciana da Costa. *Um personagem chamado Lima Barreto*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Literatura), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

FRAYZE-PEREIRA, João. *O que é loucura*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

HIDALGO, Luciana. A loucura e a urgência da escrita. *Alea: estudos neolatinos*, Rio de Janeiro, v. 10. n. 2, 2008.

PEIXOTO, Afrânio. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: Cia. Editora Nacional, 1944. (biblioteca do espírito moderno). Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/peixoto.html>>. Acesso em: 11 abr. 2015.

RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (Orgs.). *Lima Barreto: toda crônica*. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

SANTOS, Joel Rufino dos. *O que é racismo*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SILVA-FELIPE, Gislene Maria Barral. Olhando sobre o muro: representações de loucos na literatura brasileira contemporânea. *Revista Interdisciplinar*, n. 3. v. 5, p. 125-154, 2008.

SILVA, Francisco Bento da. A república brasileira e as deportações para a Sibéria tropical. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 12., Rio de Janeiro, 2006. [Anais]. Rio de Janeiro, ANPUH, 2006.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. As ideias eugênicas no Brasil: ciência, raça e projeto nacional no entreguerras. *Revista Eletrônica História em Reflexão*, Dourados, v. 6, n. 11, p. 1-23, 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/1877>>. Acesso em: 12 abr. 2015.

VENÂNCIO, Ana Teresa A. Juliano Moreira: psiquiatria sem preconceito. *Revista de História*, 2010. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos-revista/reportagem-psiquiatria-sem-preconceito>>. Acesso em 11 abr. 2015.